

Torre de S. Lourenço da Barra ou do Bugio — Desenho e gravura de Pedroso

DEFESA MARITIMA DE LISBOA

Até aos fins do seculo XIV offerecia o Tejo franca entrada a todos que a demandassem, quer fossem amigos, quer inimigos.

Lisboa, já n'essas eras afamada pelos dons que lhe prodigalisára a natureza, e pelas preeminencias e regalias com que a tinham dotado e engrandecido, primeiramente os romanos, e depois os nossos reis da dynastia affonsina; Lisboa, a rainha do Tejo, não possuia uma unica fortaleza para defesa do seu porto. E todavia, apesar de estarem lançados, na epocha referida, os fundamentos do seu poder maritimo, amiudadas vezes lhe vinham devassar o rio, e injuriar-lhe a fronte, com roubo de fazendas e leva de captivos, corsarios moiriscos.

Como a experiencia é o melhor mestre da vida, são as desgraças do passado, commummente, que ensinam ou incitam os homens a precaverem-se contra os males futuros. No presente caso assim succedeu.

Padecêra Lisboa muitos aggravos e prejuizos nas entradas que os castelhanos fizeram pelo seu rio, durante as guerras del-rei D. Fernando I de Portugal com D. Henrique II e D. João I, ambos de Castella. E quando este ultimo soberano, pretendente ao throno portuguez por morte de seu sogro, el-rei D. Fernando, invadindo o nosso paiz com poderoso exercito, e fazendo surgir no Tejo uma forte armada, veiu cercar dentro dos muros de Lisboa o mestre de Aviz e seus denodados companheiros, que n'ella hasteavam e sustentavam o estandarte da independencia nacional, correu grande perigo a liberdade da patria.

Assim, pois, desaffrontado o paiz dos inimigos por uma serie de gloriosos feitos, e acclamado o mestre de Aviz pelas cortes de Coimbra rei de Portugal com o nome de D. João I, cuidou logo este monarcha da defesa maritima de Lisboa. Para esse fim mandou construir um forte na margem do sul do Tejo, com uma unica bateria ao lume d'agua.

Tendo escolhido para esta fundação o sitio onde as duas margens se apertavam um pouco mais, é provavel que tivesse o pensamento de edificar na margem do norte outro forte, que cruzasse o fogo da artilheria com o primeiro.

Porém, se teve esse intento, não o executou. Talvez que as suas emprezas de Africa lhe fizessem mudar de rumo as idéas a este respeito.

Nem el-rei D. Duarte, nem D. Affonso V se occuparam da fortificação maritima da cidade. Mas a el-rei D. João II deu este negocio serio cuidado. Augmentou o forte de D. João I com uma bateria superior, e outras obras, segundo a planta traçada por Garcia de Rezende. Planisou tambem, e começou na margem fronteira

a torre de S. Vicente de Belem. Coube, porém, a el-rei D. Manuel, que por suas muitas felicidades bem mereceu o epitheto de *afortunado*, levar a effeito o plano do seu illustrado predecessor.

Foram por muitos annos estas duas fortalezas a chave do porto de Lisboa.

Lembrou-se el-rei D. João III de fortificar a barra, porém limitou-se o seu esforço a mandar construir um mesquinho forte sobre os rochedos que se erguem na foz do rio, da parte do norte.

No reinado de D. Sebastião tiveram grande impulso as obras de defesa do Tejo. Na sua menoridade, sendo então regente o cardeal infante D. Henrique, traçou-se maior planta para o forte de D. João III, que, muito augmentado em diversas epochas posteriores, como diremos em outro logar, hoje vemos transformado n'uma verdadeira praça de guerra, com o nome de *S. Gião* ou *S. Julião*.

No forte da margem do sul, fronteiro á torre de Belem, fez el-rei D. Sebastião taes obras de reedificação e acrescentamento, que ficou considerado como a fortaleza mais importante para a defesa do porto. Por essa occasião recebeu o nome de *S. Sebastião de Caparica*.

Perdendo gradualmente a sua importancia, á maneira que se ia fortificando a barra, veiu destruil-a de todo o terremoto do 1.º de novembro de 1755. Na reconstrucção desappareceu a sua antiga fórma, ficando apenas com as honras de forte de segunda ordem, e com a denominação vulgar de *Torre Velha*. Actualmente, apeada d'essas honras, está constituida em lazareto.

Foi tambem no reinado del-rei D. Sebastião que teve principio a outra fortaleza da barra, chamada *torre de S. Lourenço*, e vulgarmente *do Bugio*. Lançaram os fundamentos d'ella, em 1578, os governadores do reino, na ausencia d'aquelle soberano, que partíra havia pouco para a desgraçada empreza de Africa, onde sepultou com a sua coroa a independencia de Portugal.

Proseguiram com a obra o cardeal D. Henrique, e Filippe II de Hespanha, assim que se apossou do paiz, contra direito e á força de armas. Deve, porém, esta fortaleza consideraveis melhoramentos, e até a sua fórma actual, a el-rei D. João IV, que determinou reedifical-a, e a fr. João Turriano, monge benedictino, que fez o risco e dirigiu os trabalhos. Foi este frade architecto de muita nomeada n'aquelle tempo, ao qual se encarregaram varias outras obras de fortificação, e alguns edificios religiosos.

Está fundada a torre de S. Lourenço, ou do Bugio, n'uma cabeça secca, á entrada da barra, do lado do sul, em frente da torre de S. Julião. Distam uma da outra perto de meia legoa, ficando entre ambas, um pouco para o Oceano, e mais proximos da segunda, os cachopos que dividem a barra em dois canaes. O do sul é chamado *carreira de Alcaçova*, ou *barra grande*. O do norte, que é muito mais estreito, denominam *corredor*, ou *barra pequena*.

Posto que seja a foz do Tejo uma das mais amplas e faceis barras que se conhecem, podendo-se entrar n'ella com todo o tempo e a qualquer hora da noite, não tem sido isenta de sinistros. É como quasi todos os naufragios se tenham realisado sobre o banco de areia que se estende da torre do Bugio para oeste, ahi tem sido o principal theatro das proezas humanitarias d'esse nosso intrepido e arrojado compatriota, Joaquim Lopes, que, auxiliado por alguns companheiros não menos valorosos, affrontando todos os perigos, alli apparece sempre aos miseros naufragos, como anjo salvador enviado pela Providencia.[1]

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Veja-se a biographia d'este benemerito nauta, a pag. 209 do 2.º vol. d'este semanario.

SCIENCIA POPULAR

Vêdes pelos campos e jardins tamanha variedade de plantas?

Vêdes tamanha diversidade de pedras e terras?

Vêdes povoados os mares e rios, e os terrenos que a agua não cobre de tantas e tão differentes conchas com outros tantos animaesinhos encerrados dentro em si?

Vêdes os luzentes metaes que a terra esconde em seu seio, e que o homem lhe rouba, despedaçando-a, para saciar a sua ardente sêde de gozos e de progresso?

Vêdes tão innumeraveis bandos de aves, com suas pennas multicores?

Vêdes ao nosso serviço tantos milhões de objectos differentes todos, na fórma, na côr, no brilho, na dureza, na transparencia e em mil outras propriedades: uns taes quaes os produziu a natureza, outros modificados pelos infinitos e prodigiosissimos processos das artes?

Não vos maravilha tão profusa multidão de corpos?

Não se abysma a vossa intelligencia querendo rastrear a immensa extensão do poder supremo do Creador, divulgado em tantos entes differentes, que surgiram do nada pela unica influencia da sua vontade?

Certamente, dir-me-heis vós.

Pois se a multiplicidade immensa, assombrosa, incalculavel dos corpos que vêdes vos impressiona profundamente, e vos obriga a prostrar-vos reverentes e a confessardes a omnipotencia, a magnificencia e a paternal bondade do Ente Supremo, de ponto subirá a vossa admiração, quando souberdes que unicamente de sessenta e quatro especies ou qualidades de materia, combinadas por um modo que só a Sabedoria Divina poderia inventar, e que o homem, graças ao estudo, alcançou descobrir, provém as infindas myriades de corpos que a todo o momento observâmos.

Nem duvideis da minha verdade, por mais que vos soprenda o que acabo de vos dizêr...

Para que, porém, não tenhaes de jurar nas palavras de outrem, e para que vos costumeis ás investigações scientificas, prestae a maior attenção ao que se segue.

Quando observâmos qualquer ente material, uma esphera de marfim, por exemplo, temos simultaneamente, e ás vezes sem que as percebâmos, duas idéas: a do corpo, que no exemplo dado é uma esphera, e a da materia, que no caso presente é o marfim.

Se, pela faculdade ou poder que tem a nossa alma de conceber como separadas coisas que naturalmente estão juntas, considerâmos só o marfim, sem a fórma espherica ou outra qualquer, temos a idéa da materia de que aquelle corpo consta: se considerâmos o marfim sob a fórma espherica, ou sob qualquer outra, temos a idéa do corpo. Tão casadas, porém, andam sempre as duas idéas, materia e corpo, que muitas pessoas a quem fallece a educação scientifica, ou a natural sagacidade, que tantas vezes suppre aquella, as não distinguem.

Pois não é coisa difficil.

Quem attender para as vulgarissimas expresões: estatua de pedra, castiçal de prata, copo de vidro, e para infinitas outras similhantes, encontrará no primeiro substantivo a indicação do corpo (materia limitada), e no segundo, que é o complemento do primeiro, a idéa da materia (a substancia em que existem as propriedades).

Para os physicos (fique bem percebida esta circumstancia) são os *corpos* porções limitadas de materia, ou, como não ha muito disse um escriptor, *bocados*

de materia. É por isso que na linguagem da physica tanto merece o nome de corpo uma esphera de ferro ou prata, como os fragmentos que resultariam da mesma esphera se a partissemos ou cortassemos.

Os chimicos tomam em outra accepção o termo *corpo*. Empregam-no como synonymo de materia.

Mais claro.

Em physica seria impossivel numerar os corpos, não só por serem infinitos os que tem existencia actual, como por podêrem esses, dividindo-se, produzir milhões de milhões de outros.

Em chimica são tantos quantas as qualidades de materia, isto é, as materias simples ou compostas, que apresentarem propriedades capazes de as distinguirem de todas as outras.

É d'estes ultimos corpos, ou antes das differentes especies de materia, que nos occuparemos agora mui succintamente, para que de futuro possam os nossos leitores, que forem estranhos ás sciencias, comprehender bem o que, em assumptos de chimica, houvermos de lhes dizer.

Não tiveram os antigos, segundo parece, conhecimento exacto da natureza dos corpos. Crê a maior parte dos escriptores, que se tem occupado das sciencias chimico-physicas, que durante muitos seculos fôra geralmente seguida a opinião de Empedocles, philosopho de Agrigento, que floreceu 460 annos antes da era christã, o qual apenas admittia quatro corpos simples, ou quatro elementos: terra, agua, ar e fogo. [1]

No seculo XVII Roberto Boyle deu rebate contra a supposta simplicidade do fogo, ar, terra e agua, e por ventura que foi a sua voz a que fez com que os chimicos se dedicassem ao estudo rigoroso da constituição dos corpos e os submettessem a analyses [2] rigorosas.

No estado actual da sciencia, parece que todos os corpos se podem dividir em dois grupos: *simples* e *compostos*. *Corpos simples* ou *elementos* são aquelles de que não tem sido possivel tirar senão uma só materia [3]. *Corpos compostos* são aquelles que constam de duas ou mais qualidades de materia.

Circunstancias ha em que os corpos simples podem mudar de fórma, passando de solidos a liquidos, ou assumindo a fórma gazosa: em que podem mudar de aspecto; e até perderem ou adquirirem algumas propriedades.

Quaesquer que sejam, porém, as modificações que experimentem, sempre a sua natureza se conserva a mesma, e nunca d'elles provém materia que não seja a sua propria.

São sessenta e quatro os corpos simples que até hoje se tem descoberto.

Não mencionaremos os nomes de todos por evitar enfadamento, e pórque muitos d'elles são raros, e por em quanto sem usos importantes.

[1] Os quatro elementos dos antigos não podem de modo algum considerar-se corpos ou materias simples.

A terra é um aggregado de muitos e mui differentes corpos; a agua é formada de dois gazes acima mencionados: hydrogenio e oxigenio; é o ar uma mistura de diversos gazes e principalmente de oxigenio e azote; é, finalmente, o fogo um agente, um imponderavel, ou, no dizer de um physico moderno, um phenomeno.

Com quanto quasi todos os escriptores acreditem e digam que os antigos empregaram o termo elemento como synonymo de corpo simples, alguns, dissentindo d'esta opinião, tem como mais provavel que a palavra elemento fosse pelos antigos philosophos empregada como equivalente de *materia primeira* ou substancia geradora de muitas outras. Parece-nos isto tanto mais provavel quanto, como havemos de mostrar em outro artigo, em quasi todos os corpos se póde affirmar que existem ar, calorico, agua e materias, que hoje denominâmos *saes* e que os philosophos antigamente appellidavam terras.

[2] Analyse chimica é o complexo de operações que os chimicos empregam, para reconhecerem as differentes materias de que são formados os corpos compostos, para as separarem e pesarem.

[3] Definimos corpos simples aquelles de que não tem sido possivel tirar senão uma especie de materia e não os que são formados de uma só especie de materia, porque é possivel que para o futuro, com os progressos incessantes e incalculaveis que a sciencia vae fazendo de dia para dia, com o aperfeiçoamento dos methodos de analyse e a acquisição que talvez venha a fazer-se de mais aperfeiçoados instrumentos, se reconheça que os hoje reputados corpos simples não são taes, mas sim compostos.

Os mais communs e prestadios ao homem podem dividir-se em tres secções, segundo a sua fórma de aggregação.

Eil-os:

Gazosos — *Azote, chloro, hydrogenio e oxigenio.*

Liquidos — *Bromio, mercurio.*

Solidos (não metallicos) — *Carbone, sodio, phosphoro, silicio e enxofre.*

Solidos (metallicos) — *Aluminio, arsenico, calcio, chumbo, cobre, estanho, ferro, oiro, platina, prata, potassio e sodio.*

Por hoje basta.

J. J. DE SOUSA TELLES.

A VIRGEM DA COVA

TRADIÇÃO ARAGONEZA

(Conclusão. Vid. pag. 230)

V

Occultára-se o sol com o historico monte de S. João da Penha entre negras nuvens, e a funebre escuridão com que a noite velára o mundo parecia a lousa de um sepulchro. A chuva caía em torrentes; cresciam os arroios convertendo-se em rios; o vento assobiava, ora em queixume suave e doloroso, imitando a voz do menino, ora com estrondo sêcco e vibrante que fazia estremecer os pinheiros da selva; e os seus silvos misturavam-se com o fragor do trovão, com aquelle mugido surdo que exhalam as tempestades como voz singular que annuncia furor e ruina, e com o bramir das torrentes, formando uma harmonia terrivel e sublime. Mas por vezes deixavam de ouvir-se o vento, os arroios, o trovão e a chuva; havia um intervallo de pavoroso silencio, com o favor do qual se ouviam ao longe vozes humanas e alaridos de feras, que acrescentavam o horror de novos ruidos.

O relampago que allumiava o espaço, o monte e as quebradas com deslumbrante clarão, deixava ver a paizagem agreste e solitaria, cortada de profundos barrancos e vestida de negros e extensos bosques, e reflectia a sua luz nos tortuosos rios que desciam impetuosamente ao fundo do valle.

Raymundo continuava a subir a falda do monte, demorando-se a cada passo para retemperar as forças e ver a direcção do serpenteado caminho ao resplandor dos relampagos. Uma luz vivissima passou ante os seus olhos em trémulos espiraes, e caíu n'um pinheiro cujos ramos arderam como uma fogueira. Era um raio. O trovão seguiu-o com o estampido, que penetrou nos ouvidos do peregrino como se lhe annunciára o fim do mundo, e após este estrondo revoaram prolongados mugidos que se confundiram lentamente com o rumor da chuva.

A senda terminava em estreito plano cercado de penhascos; e ao chegar alli, os pés do peregrino tropeçaram com ossos humanos, e seus olhares lançaram-se aterrados no meio da sombra em busca do monstro.

Brilhou um relampago, e Raymundo viu-o na selva immediata, onde se rojava calcando o matto com as verdes escamas. Na concavidade da asquerosa boca distinguia-se-lhe, entre verde espuma, a triplice fileira de dentes tintos em sangue; as azas e a cauda açoitavam os troncos das arvores, e os olhos brilhavam-lhe como dois carbunculos.

Raymundo caíu de joelhos, tirando do peito um crucifixo com respeito e chegando-o aos labios; estranha vertigem lhe offuscou a vista; parecia-lhe que a selva e os penhascos giravam em torno d'elle. Faltando-lhe as forças, a terra semeada de ossos recebeu o corpo do peregrino.

VI

Raymundo julgou que ficava envolvido em profundo somno, e que via um ceo azul e sereno, onde apenas se descobriam brancas e tenues neblinas. O sol lançava os seus raios sobre as verdes arvores e os escalvados penhascos; as aves cantavam nos ramos; a brisa trazia nas azas delicados perfumes das flores silvestres, e os longinquos montes confundiam os azulados cumes com o firmamento.

— Onde está o formidavel monstro? — dizia o peregrino. — Foi acaso illusão da minha alma timida, e só n'ella bramiu a pavorosa tempestade?

Uma voz suave e carinhosa soou então a seu lado, e ao voltar o rosto viu o conde Ramiro Sanchez com gesto humilde e coberto com todas as armas.

— Não é illusão, sou eu. O monstro descança na sua cova. Não lhe ouvis o preguiçoso alento? Com fé pura e contrita desejo que levanteis de mim a vossa maldição, e depois luctarei com o monstro. Espero da graça divina o galardão da victoria.

Raymundo prostrou-se em oração em quanto o conde se ia a despertar a colera do monstro, embraçando o escudo e empunhando a valorosa espada.

O dragão saíu do antro silvando e açoitando o vento com a escamosa cauda, e derramando pela sanguenta fauce venenosa baba de insupportavel odor, os olhos brilhavam-lhe, fascinando como os de uma serpente. O cavalleiro ergueu com denodo a espada, na qual reflectia a luz do sol, e cravou-a com força na garganta do monstro, que retrocedeu, revolvendo-se e rugindo.

Vendo o conde que o dragão batia as azas e se preparava para tragal-o, beijou a cruz do punho da espada, invocou por tres vezes, em voz alta, o doce nome da Virgem, segurou com as duas mãos a terrivel arma, cerrou a boca para não absorver o immundo e venenoso halito da fera, que avançava furiosa, e apoiando o corpo na quebrada de um penhasco, descarregou na dura escama tão formidavel golpe, que os echos do monte repetiram o estrondo, parecido ao do trovão.

E o monstro voou dividido em pedaços ensanguentados, e foi caír de precipicio em precipicio até ao fundo do valle, como penha que, rolando minada pela neve derretida nos primeiros dias de maio, anniquilla as arvores, e faz estremecer o monte com prolongado estampido.

VII

Raymundo acordou de seu somno. Viu que o monte estava deserto, e que elle jazia passado de agua com a cabeça reclinada na arvore, em cujas folhas brilhavam, como diamantes, as gotas da chuva. Ainda ao longe se ouvia o rugido do trovão, mas o ceo estava sereno e limpo.

Aproximou-se da boca da cova e não viu o espantoso dragão.

— O meu sonho terá sido realidade? — exclamou o peregrino. E abrindo passagem por entre as sarças, penetrou na extensa cova, no centro da qual se distinguia uma tosca imagem, que representava a Rainha dos ceos levando nos braços seu divino filho.

Prostrado no solo, humedecido pelas gotas que se desprendiam da abobada da cova, estava um cavalleiro armado de todas as armas, e tão absorto nas orações, que não voltou o rosto á entrada do peregrino.

Era o conde, vencedor do monstro com o auxilio da Virgem da Cova.

Raymundo ajoelhou ao lado do cavalleiro, e acreditou ouvir uma voz de accentuação sobrenatural que lhe dizia:

— «Raymundo, a fé e a humildade triumpham dos monstros da terra. Deus devolve-te a paz ao coração e rasga o livro do teu passado. Confia na Providencia, que é a origem unica da felicidade, tanto no ceo como na terra.»

VIII

Quando o mez de setembro cobre a terra com o manto amarellecido dos segados campos, e as arvores vergam ao peso dos fructos, os habitantes da cidade e aldeias visinhas sobem em romaria até á cova, junto da qual se levanta um modesto edificio, e alli celebram a festa da Natividade de Nossa Senhora. N'aquelle sitio ouvimos contar a lenda do dragão e do cavalleiro, e a apparição da Virgem, a um singelo camponez, cujas palavras revelavam fé tão sincera, que parecia ter elle sido espectador do maravilhoso facto. O camponez accrescentava que o conde fôra d'alli em diante bom christão, e que expirou batalhando com os moiros; e que Raymundo Artazo chegou a ser abbade do mosteiro, e morreu em fama de santidade.

O rosario entoado por centenares de bocas ao occultar-se o sol interrompeu o narrador, e todos os seus ouvintes correram a reunir-se com a procissão de homens robustos, mulheres, crianças e anciãos, que cantavam a Ave Maria em dois coros, seguindo a ladeira que circunda os penhascos entre os quaes se erigiu a ermida.

Quando chega a noite, como a egreja e a cova não podem dar asylo a todos os romeiros, muitas familias se reunem nas concavidades formadas pelas penhas, e n'ellas accendem fogueiras como em um acampamento.

O auctor d'esta lenda recorda-se como uma das noites mais felizes a que passou em sua romaria á «Virgem da Cova».

GREGORIO AMADO LARROSA.

QUARTEL DE CAVALLARIA CHAMADO DOS CASTELLOS, EM EVORA

Começou-se este grandioso edificio no anno de 1744, governando a provincia do Alemtejo o general conde da Atalaya.

Nos primeiros annos correram os trabalhos com actividade, mas quando as obras chegavam ao andar nobre pararam, e assim estiveram até 1793, em que progrediram regularmente, sob a direcção de Thomaz de Villa Nova, tenente coronel do real corpo de engenheiros, e mais tarde sob a de Antonio José de Sant'Anna Carneiro, major do mesmo corpo. Acabou-se a construcção no anno de 1807.

Está fundado no extremo do lado do sul da cidade de Evora, no logar onde se erguia o castello edificado por el-rei D. Fernando, que era uma grande fortaleza quadrangular e flanqueada por quatro torres. Estes *castellos*, que assim lhes chamava o povo, foram demolidos para se edificar o quartel, que d'elles tomou o nome popular. Tambem para o mesmo fim se derribou parte da muralha da cidade, fábrica egualmente del-rei D. Fernando, que pegava com o castello.

Tem o quartel quatro frentes exteriores, e outras quatro interiores, que formam um vasto pateo ou praça, para onde deitam as portas das cavallariças.

A frontaria principal, cujo comprimento excede um pouco a sesseuta e quatro metros, é de boa architectura, como se vê da gravura junta, que, por muito exacta, nos dispensa da descripção. Está voltada para o norte. A que olha para o sul tem a mesma extensão, e as lateraes contam, cada uma, sessenta e dois metros de comprido. A medida do pateo é de uns dezenove metros em cada um dos seus quatro lados. Os quatro angulos do edificio são formados por outros

tantos corpos, ou pavilhões, que resaltam fóra algum tanto, com tres janellas em cada um andar e em cada frente.

Ergue-se a fachada principal do quartel no fundo de um espaçoso terreiro, aformoseado com arvores, e com um chafariz, se bem nos lembrâmos.

A frente do sul cae sobre o campo, fóra do circuito das muralhas; e as duas de léste e oeste deitam para o mesmo campo, em consequencia de ter sido derrubada a parte da muralha da cidade, que por esse sitio coria.

N'este edificio tem o seu quartel o regimento de cavallaria n. 5.

I. DE VILHENA BARBOSA.

NOTAVEIS APRESTOS DE ESCRIPTA

Das precisões ao grito o engenho acorda.

CASTILHO

I

Braz Garcia Mascarenhas, mancebo nobre e namorado, foi recluso na cadeia da Portagem, da cidade de Coimbra, por causa de uma aventura amorosa, desculpavel aliás em annos tão verdes.

Valendo-se de um artificio, pôde evadir-se da cadeia, e, dirigindo-se a Madrid, peregrinou varias terras de Hespanha, Italia e França, percorrendo depois o Brasil, para onde o impelliu o estimulo da gloria militar.



Quartel de cavallaria chamado dos Castellos, em Evora

N'elle residiu nove annos, obrando, em beneficio do estado e damno dos hollandezes, gentilezas proprias de um brioso portuguez.

Regressou a Portugal, quando, já livre do jugo estrangeiro, se empenhava em consolidar a liberdade recuperada no primeiro de dezembro de 1640.

Este memoravel acontecimento inflamma o seu patriotismo; corre a Pinhel, reune uma formosa companhia de mancebos illustres, arvora-se em seu capitão, e tanto n'este posto, como no de governador de Alfaiates, cuja defensa lhe fôra incumbida, faz sentir aos castelhanos, em varios recontros, os golpes de sua espada.

É, porém, sobre todas celebrada a facção que commetteu sobre o rio Agueda, no porto de S. Martinho.

Sem molestia nem estorvo haviam talado os hespanhoes os nossos campos, recolhendo-se com despojos opimos. Chega ao valente Mascarenhas esta noticia, e, sem inquirir o numero dos inimigos, determina esperal-os, embuscando-se com duzentos mosqueteiros sobre aquelle rio; e tão a ponto, e com tamanho impeto os carregou, que, rotos em pouco tempo, deixaram, com a perda de muitas vidas, mais de vinte mil cabeças de gado.

Havendo triumphado com tanta galhardia dos adversarios estranhos, mais forte resistencia encontrou nos domesticos, que falsamente o accusaram do crime de inconfidencia!

Quanto, quanto se engana
Se, em si fiado, o são merecimento
Da fortuna tyranna
Ao barbaro revez se julga isento!
Pois com torvo semblante sempre a inveja
Olha a virtude que opprimir deseja. [1]

[1] *Odes Pindaricas Posthumas de Elpino Nonacriense.* Ode XV. Antig. tom. IV.

Recluido na torre do Sabugal, aqui soffre todas as dores que podem cruciar um innocente acoimado de tão execrando delicto; e nem sequer alvejava ao longe a esperança do termo de tantas angustias, privado dos meios de justificar-se por absoluta carencia de communicações.

Longos mezes haviam já decorrido n'estes cuidados afflictivos, quando um pensamento feliz inspira o preso a pedir tisoira e linhas para reparar os vestidos; farinha para um remedio, e um livro para distrahir a melancolia.

Com as letras cortadas do livro, e colladas com massa feita da farinha, compõe, em verso, uma carta para el-rei D. João IV, relatando-lhe, com expressões sentidas, a injustiça com que fôra preso, e a fidelidade que sempre conservára incorrupta ao seu principe.

E a horas mortas da noite, no mais calado de suas sombras, lançou da muralha a carta pendente das linhas a um soldado conhecido, para a entregar a seu irmão, que logo partiu para Lisboa.

Apresentada a el-rei, ordenou que Braz Garcia Mascarenhas comparecesse immediatamente na corte, onde justificada a sua innocencia o premiou com o habito d'Aviz, e o restituiu ao governo da praça de Alfaiates.

Nomeado depois superintendente da cavallaria da comarca d'Esgueira, resolveu fugir á insolencia dos emulos, recolhendo-se a Avô, sua patria.

Aqui se dedicou ao estudo da poesia, que cultivára desde os primeiros annos, deixando-nos uma epopéa, que não é destituida de merecimento [1]. Falleceu a 8 d'agosto de 1656, tendo 60 annos de edade.

II

Thomaz Antonio Gonzaga nasceu no Porto em 1755 [2]; foram seus paes o desembargador João Bernardino Gonzaga, e D. Theresa Clerk Gonzaga. [3]

Seguindo a carreira das letras, recebeu o grau de doutor em direito civil na universidade de Coimbra, sendo depois despachado desembargador da Relação da Bahia.

Accusado do crime de inconfidencia, foi riscado do serviço, e degradado em 1792 para Moçambique, onde falleceu em 1817.

Antes de ser julgado e partir para o degredo, esteve encerrado em um tenebroso calabouço, soffrendo, além dos incommodos e desconfortos de tão infeliz situação, a mais pungente saudade. Desafogou-a na sua *Marilia de Dircêo*, que dedicou á sua amada D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas Marinke Ferrão. [4]

Na lyra XXIII descreve o terno e mavioso Gonzaga o horror do carcere a que fôra arrojado, e como n'elle arrasta as longas horas de sua angustiosa vida.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candeia;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste e mais feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

[1] É o *Viriato Tragico*, poema heroico em 20 cantos, de que ha duas edições.

[2] Em uma justificação, que Thomaz Antonio Gonzaga deu em 1793, cujo original viu um nosso amigo em poder do sr. Drumond, ministro do imperio do Brasil, declarou ter então 38 annos; dâmol-o por isso nascido em 1755.

[3] Francisco Freire de Carvalho, no seu *Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal*, pag. 255, confunde Thomaz Antonio Gonzaga com seu primo Thomé Joaquim Gonzaga, auditor de um dos regimentos da côrte, e traductor do *Pastor Fido*, o qual nasceu a 20 d'abril de 1738, e falleceu a 21 de dezembro de 1819.

[4] Esta senhora ainda vivia em maio de 1850 na provincia de Minas Geraes, na cidade de Ouro Preto, segundo o testimunho do sr. Drumond.

Diz-me Cupido: *são horas*
De escrever-se o que está feito.
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito;
Tomo o pau, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Com penna feita de um *ossinho de gallinha, e tinta de ferrugem e do fumo da candeia*, em papel pardo, previamente preparado, tambem já o celebre Bento de Moura Portugal havia escripto, no carcere da Junqueira, os seus *Inventos e Varios Planos de Melhoramentos para este reino.* [1]

Contristam similhantes rigores, a que a justiça dos homens ha condemnado, sem reconhecido proveito, varões tão benemeritos das letras e da patria.

R. DE GUSMÃO.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMEMTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

Na noite de 13 de fevereiro de 1668 assignára-se em Lisboa o tratado de paz particular entre Portugal e Hespanha. A lucta encarniçada que entre os dois povos durava havia mais de vinte e sete annos, tinha em fim um termo.

Não havendo sido admittida a tomar parte na negociação d'esse tratado, a França tinha razão de mostrar-se queixosa, ou, pelo menos, retraida. Assim o comprehenderam os seus agentes em Portugal, e procederam coherentes.

Logo na manhã do dia 14, o conde de Schomberg, marechal commandante do corpo auxiliar francez ao serviço de Portugal, apresentou-se no paço para fallar ao principe no immediato regresso d'essas tropas para França. Pedia-lhe que nomeasse alguem do seu conselho para regular com os agentes francezes similhante negocio, a fim de podérem dar d'isso conta a Luiz XIV, talvez por via de Duarte Ribeiro de Macedo, que se dizia estar a partir. Schomberg apresentára-se só n'esta reclamação. Saint-Romain entendêra não dever tomar ostensivamente parte n'ella, porque nada lhe tinham ainda communicado da conclusão da paz.

Em quanto Schomberg se demorava no paço, entrava o conde da Torre em casa do enviado francez.

— Desejava não vos encontrar (foram as primeiras palavras do conde). Envergonho-me de apparecer-vos n'esta conjunctura. Não sei que vos diga das coisas que se passaram. É extrema a afflicção do principe por ter faltado ao que devia á França. A necessidade e impaciencia dos povos o levaram a isso. Mas digo-vos em confidencia, que elle deseja ardentemente poder reparar estas faltas e comprazer com a rainha. Dirigi-vos a ella. Asseguro-vos que obterá do principe quanto pedir e desejar. Os hespanhoes não estão contentes ainda; querem mais uma liga contra a França, e o embaixador de Inglaterra, para nos dispor a isso, assegura que a França celebra outra com os estados da Hollanda para fazer maior guerra á Hespanha.

— Bem entendo (lhe respondeu Saint-Romain): mas se eu fosse portuguez abstinha-me de fallar n'isso n'esta occasião, e muito menos com o intuito de moderar o resentimento del-rei christianissimo. Espero que no decorrer do tempo me dêem razões mais convenientes. O conde de Schomberg já foi ao paço fal-

[1] Constam estas particularidades das *Noticias Preliminares sobre Bento de Moura Portugal*, que precedem os seus *Inventos*, etc., a pag. XXIII.

lar ao principe na retirada das nossas tropas. Será certo o que oiço, de que querem passar a Badajoz o corpo inglez que aqui serve?

Como eram n'estes termos, entrou Schomberg, já de volta do paço. O conde da Torre repetiu diante d'elle o que já dissera, particularmente o conselho de que para todas as coisas se dirigissem á rainha.

O conde da Torre fôra o portador das promessas que D. Pedro fizera por escripto de guardar fielmente a alliança franceza: fôra elle o principal auctor do que acabava de passar-se na negociação da paz: era elle ainda que vinha denunciar ou aconselhar meio para nova composição com a França! Em todos os tempos os houve assim, timoratos ou egoistas, servos de todos, cortejadores, partidarios de todas as idéas, sacerdotes de todas as conciliações!

D. Pedro promettêra a Schomberg, que não permittiria que os soldados inglezes passassem por terra de Portugal a Hespanha. Das suas palavras deixára perceber, que concederia aos officiaes francezes levarem na retirada cavallos, e fazer-lhes quanto d'elle dependesse para despedir honrada e favoravelmente as tropas francezas. D'aqui chegavam os agentes de França até supporem, que seria tolerado passarem ao serviço francez alguns officiaes e soldados nossos, misturados e confundidos com os que se retiravam.

No caso do corpo inglez, commandado pelo filho mais velho de Schomberg, passar ao serviço de Hespanha, o marechal protestava que seu filho abandonaria o commando, esperando mesmo poder reter a maior parte dos cavalleiros d'este corpo, que eram allemães. Se Luiz XIV o approvasse, faria d'elles outro bom regimento de cavallaria para o marquez de Schomberg, porque nas tropas portuguezas tinham quatro ou cinco officiaes francezes, capitães e commissarios geraes de cavallaria, que facilmente fariam cada um sua companhia dos melhores cavalleiros portuguezes e estrangeiros que houvesse nas tropas. Jactava-se de poder facilmente dispor muitos dos mais bravos officiaes portuguezes a seguirem-no para França, com bons soldados com que se formassem companhias, se o governo francez approvasse a idéa e lhe enviasse dinheiro e embarcações para o transporte.

O effectivo das tropas francezas que estavam então em Portugal não era de menos de tres mil homens. No caso de se formar o proposto regimento para Schomberg filho, e de se acceitarem alguns officiaes e cavalleiros portuguezes, isto lhe acrescentaria mais mil ou mil e duzentos homens. Cavallos, dispunham-se os francezes a levar comsigo, ao menos, seiscentos. Não havendo em Lisboa fustas que levassem mais de cincoenta, propunha o enviado para França, que de lá viessem brulotes para o transporte.

O principe mostrára grande desejo de conservar ao pé de si o conde de Schomberg, e encarregára o secretario de estado de lhe fazer para isso algumas propostas. Entretanto a prudencia do conde não lhe consentiu comprometter-se a coisa alguma antes de saber a vontade de Luiz XIV.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES.

ANDORINHAS

Por que será que as andorinhas tem attrahido a attenção do homem em todos os tempos e em todas as nações?

Os naturalistas tem consagrado á historia d'esta ave numerosas paginas; os poetas tem-n'a cantado muitas vezes, e mais de um moralista, nos seus apologos, tem apresentado a andorinha como exemplo de fidelidade, de beneficencia e de amor paternal. Em summa, não ha outra ave cuja historia esteja escripta em mais livros.

É porque, em quasi todos os povos conhecidos, as andorinhas são tidas por amigas do homem, e com razão, porque ellas consomem uma grande multidão dos insectos que vivem á custa do homem. São ellas que livram alguns paizes do flagello dos mosquitos; e preservam tambem os celleiros do bicho que roe os cereaes, naturalmente porque destroem os insectos alados, cujas larvas são esses bichos. É verdade que o engolevento tem egual direito ao reconhecimento do homem, porque lhe presta o mesmo serviço; mas como para isso tem de se occultar nas sombras do crepusculo, não admira que este passaro e os seus beneficios tenham ficado no escuro!

As andorinhas, sobre tudo na infancia das sciencias, tem participado, com outras especies, do privilegio de dar aso a muitos erros que por longo tempo foram acceitos como verdades, só porque as crêram e repetiram homens eminentes. Por exemplo, que as andorinhas tinham a propriedade de recuperar a vista com uma certa planta, que ainda n'algumas partes conserva o nome de «herva andorinha» (a celidonia); que umas pedrinhas que se lhe acham no estomago, tinham a virtude de livrar de muitos males as pessoas que as trouxessem ao pescoço; e ainda mais, cada parte do corpo da andorinha, até o excremento, tinha d'antes sua virtude medicinal. Além d'estas propriedades therapeuticas, muitas outras superstições andavam como vinculadas pela tradição a estas aves, e entre nós tinha-se por grande peccado matar uma andorinha.

O que se conclue de tudo isto é que a historia das andorinhas, tal como a achâmos escripta até ao seculo XVI, é mais popular que scientifica; e que se hoje a quizessemos escrever sob a influencia das opiniões ainda arraigadas no vulgo, talvez que a enchessemos de tantos erros como os que nos transmittiram os antigos escriptores.

Desprezando, porém, o que ha de supersticioso e frivolo a respeito das andorinhas, digamos conscienciosamente, que o homem deve amar e festejar a ave que lhe annuncia a primavera, e que livra as searas, hortas e celleiros dos insectos nocivos, por estar provado que estes devastadores diminuem na proporção do numero de andorinhas e de outros insectivoros que haja no paiz. Por esta razão é defeso matal-as n'algumas nações do norte; entre os anglo-americanos considera-se como um acto de inhospitalidade. Os romanos punham as andorinhas chamadas das chaminés sob a protecção dos deuses penates; e diziam, que quando alguem as maltratava, ellas iam picar os uberes das vaccas, para lhes seccar o leite. Estas abusões ao menos tinham a vantagem de ser uteis e humanas. Não obstante, sempre houve caçadores de andorinhas, a tiro e com armadilhas, porque no outono engordam muito, e a carne tem n'esse tempo o gosto e delicadeza da hortolana.

M. Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire não admitte mais que um genero em toda a familia das andorinhas; porém alguns ornithologicos a dividem em cinco. Ha porém muitas especies. A mais commum entre nós é a chamada das chaminés, e outra a que chamam das casas, ou domestica, porque fazem ninho á beira dos telhados, nos campanarios, muros velhos, etc.

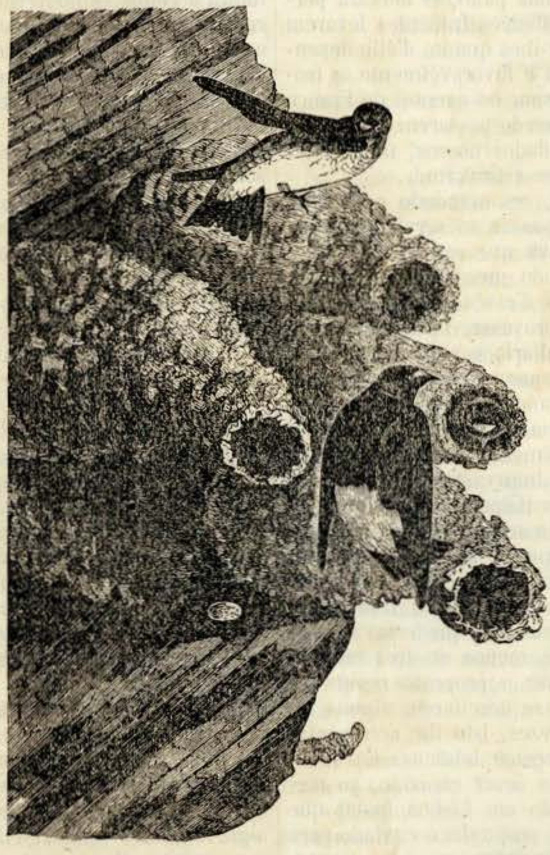
É a andorinha ave de arribação; apparece na Europa no começo da primavera; mas, assim que sentem os primeiros frios do outono, juntam-se em bandos, e vão poisar todas n'um sitio determinado. Alli fazem um gazeio confuso e tumultuoso, como se á porfia se ajustassem para a viagem, e fallassem umas com as outras a respeito da ordem que devem observar no seu transito. Acabado isto, todas levantam o vôo, e tornam a poisar, como que dando signal de

obediencia ao mandado dos seus chefes. A final tomam outra vez o vôo, e desapparecem dos nossos climas. Suppõe-se que vão a Africa procurar novo estio, e o alimento que não tem por cá durante o inverno.

A andorinha vulgar tem uns 18 centimetros de comprimento, o bico pequeno, algum tanto curvo na extremidade e negro; o paladar amarello, os olhos grandes, com iris côr de avelã, as unhas pretas, a cabeça e toda a parte superior do corpo de côr negra, lustrosa, com reflexos de aço azulado e polido: a parte inferior do corpo é branca com algumas pintas côr de castanha; a cauda é muito forcada, e as cinco pennas ultimas de cada lado tem algumas pintas brancas na orla.

Pela fórma do ninho, materias que empregam para o construir, e sitio que escolhem, se differençam as diversas especies de andorinhas. As chamadas das chaminés, fabricam os seus ninhos nos logares que lhes dão o nome. Ordinariamente os fazem de lodo e palha, arredondados, muito lisos por dentro, com uma camada de pennas. Quando tem filhos, o pae e a mãe, mal rompe o dia, vem cantar para o alto da chaminé; e se alguem lhe quer tocar nos andorinhos, lançam gritos agudos e penetrantes, revoando em torno do ninho, pedindo soccorro ás outras andorinhas da visinhança.

A andorinha chamada das casas, faz ninho nas cimalhas, por cima das janellas, e nos edificios abandonados. Formam-nos de terra fina, principalmente com a que já foi digerida pelos vermes; este ninho assim cimentado tem a figura espherica, com uma só entrada. Estas andorinhas são maiores que as das chaminés, e por isso a esta especie chamam andorinhão ou aivão; adeja e vôa com extrema rapidez e velocidade; tem a vista tão penetrante que de muito longe enxerga os insectos e raramente lhe escapam. É esta a especie que se representa na gravura junta; tem as unhas recurvadas, e aferram com grande força.



Andorinhas

Ha tambem a andorinha das rochas, a que entre nós chamam ferreirinha das rochas, que differe pouco da andorinha das casas. À borda dos rios, ou em montanhas argilosas é que faz o ninho, abrindo um boraco, ou concavidade que enche de pennas.

Ha muitas especies d'esta ave na America, e umas cincoenta e tres que são cosmopolitas.

A andorinha é domestica por instincto; voluntariamente procura a sociedade do homem, e a prefere a qualquer outra, apesar dos perigos a que se expõe. Nos paizes em que as chaminés são tapadas por cima, por causa das grandes neves e chuvas, as andorinhas refugiam-se nos forros do tecto das casas, e ahi fazem ninho.

O viajante que se perder no caminho, quando vir nos ares algum bando de andorinhas, tenha-as por aves de bom agoiro, porque é annuncio infallivel de que ha alguma habitação proxima.

O que sobretudo se admira n'estas aves de arribação, é que voltam sempre para o mesmo ninho onde fizeram consorcio, ou nasceram. Parece difficil de explicar, como as andorinhas, depois de atravessarem espaços immensos, ao regressarem no anno seguinte, acertam com os logares onde fizeram ninho! Entretanto é um facto averiguado por experiencias repetidas. Entre outras, é bem conhecida a que fez M. Frisch, que foi enrolar no pé de algumas andorinhas um fio de retroz de côr, antes d'ellas partirem no outono. Na primavera seguinte voltaram todas com o mesmo fio, sem ter distingido, o que tambem provou não terem passado o inverno a [illegible] nem em paiz humido.

Houve outro investigador que metteu um annel de metal no pé de uma andorinha, que o trouxe tal qual, quando voltou da sua emigração, no anno seguinte, sem estar oxidado. Heerkens, no seu poema intitulado *Hirundo* (Andorinha) cita um facto analogo.

Modernamente se tem posto similhantes signaes em andorinhas domesticas, que tem voltado com elles tres e quatro annos successivos.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

41.º

PERGUNTA

Querem alguns grammaticos modernos que o relativo *quem* só se deva referir a pessoas, e não a coisas.

Mas vejo que quasi todos os nossos classicos o empregam sem tal distincção, o que me parece mais commodo, para evitar embaraços no escrever. Bem basta os que já temos, que não são poucos.

No Camões é frequente esta ampliação, e no Vieira tambem a tenho notado: por exemplo no seguinte logar do t. III dos *Sermões*, n. 213.

«O leão para *quem* toda Lybia era pouca campanha; a aguia para *quem* todo o ar era pouca esphera.»

Desejava ouvir a opinião de v. que etc.—*Um professor de instrucção primaria.*

RESPOSTA

Está hoje assentado e definido em boa philologia, que o relativo *quem*, attenta a sua derivação latina, só se póde referir a pessoas, ou a coisas personificadas. Se nos classicos ha exemplos em contrario, não é isso razão para infringirmos as regras que depois d'elles se tem estabelecido, e com as quaes se hão aperfeiçoado as linguas neolatinas.

Além d'este argumento racional, temos tambem o de auctoridade; porque, se alguns classicos não fazem tal distincção, como bem diz o escrupuloso professor a quem respondemos, muitos ha que a observam, e o proprio Vieira é um d'elles.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio